

O Potiguar

Ano VIII Nº 44

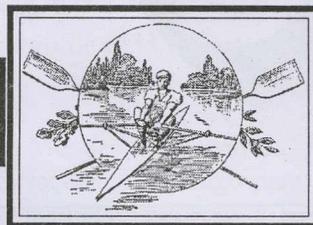
Outubro/Novembro 2005

Distribuição Gratuita



ANTÔNIO EMERENCIANO
o guardião da saudade

DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Gil Soares de Araújo

Gil Soares de Araújo nasceu em Martins (RN), em 10 de novembro de 1907. Advogado e magistrado, escritor, memorialista, político e desportista. Foi o mais autêntico pesquisador da história esportiva do Rio Grande do Norte.

Atleta de futebol do América Futebol Clube, militando no seu quadro suplente e depois no principal nos anos / 20, ao lado de Aguinaldo Tinôco, João Maria Furtado, Canela de Ferro, Oscar Siqueira e outros. Participou de jogos oficiais e amistosos no interior, principalmente nas cidades de Mossoró e Acari quando o América foi campeão daquele ano.

Numa crise ocorrida no América, provocando uma dissensão no clube, acompanhou seus colegas Renato Wanderley, Barradas, dentre outros, e fundou o Paissandu sob a presidência do dentista Sílvio de Souza, fazendo uma memorável excursão à Campina Grande (PB), obtendo vitórias espetaculares. O Paissandu participou ainda do campeonato oficial / 1927 e logo foi extinto.

Passou a integrar a equipe de futebol do clube de remo – Sport Club de Natal, ao lado de Carlos Fernandes, Milton Gurgel, Oto de Brito Guerra, Ne-

nê, José Aguinaldo, Waldemar Araújo e outros, disputando o campeonato oficial da cidade, no Juvenal Lamartine, até ser extinto o seu Departamento de Futebol.



Por alguns anos foi representante do América, Sport Club de Natal e Alecrim, junto à nossa Federação e à CBD.

Desde jovem, como vizinho da residência de seu tio Cândido de Medeiros, local onde foi fundado o Alecrim Futebol Clube, foi testemunha ocular de sua fundação; da primeira fotografia do

clube batida por Lauro Medeiros, com Café Filho como goleiro; do primeiro jogo do Alecrim contra a equipe da escola de Aprendizes Artífices, no campo da Vila Naval. Como membro da Banda de Música dos Escoteiros, com Moisés Meireles ainda hoje vivo, fazia tocatas em todos os jogos oficiais da Federação, sempre com a autorização do saudoso educador prof. Luiz Soares de Araújo, dirigente do movimento escoteiro no Rio Grande do Norte, acompanhando, assim, o saudável movimento esportivo de Natal, principalmente o futebol dirigido pela LDTRN – Liga Desportiva de Esportes Terrestres/RN.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife (PE), exerceu os cargos de Promotor Público em Martins e Ceará-Mirim, Juiz da Justiça Federal, (1954), do antigo Distrito Federal, cargo em que se aposentou. Foi ainda membro do Conselho Federal da OAB; Deputado Estadual à Constituinte de 1935 e suplente de Deputado Federal.

Gil Soares faleceu no Rio de Janeiro em 07 de julho de 2005, aos 97 anos de idade.

Luiz G. M. Bezerra

EXPEDIENTE

- Diretor - João Gothardo D. Emerenciano
- Editor - Moura Neto
- Revisão - João Gothardo D. Emerenciano
Giuliano Emerenciano Ginani
- Programação Visual - J. M. Vieira
- Capa - Vieira
- Gerente Comercial - Carlos Frederico Câmara
- Impressão - Gráfica Nordeste

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.

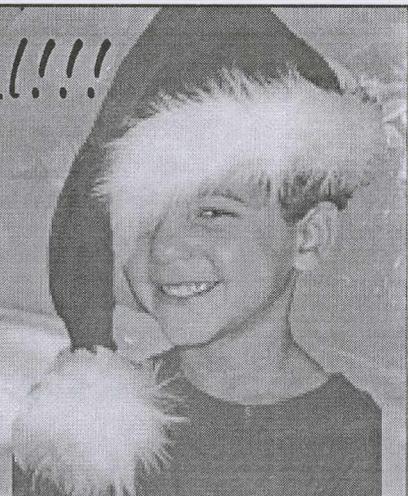
Feliz Natal no Bella Natal!!!



Bella Natal

Restaurante Pizzaria
Shopping Cidade Jardim
Capim Macio

Disk-Entrega 3217 4704



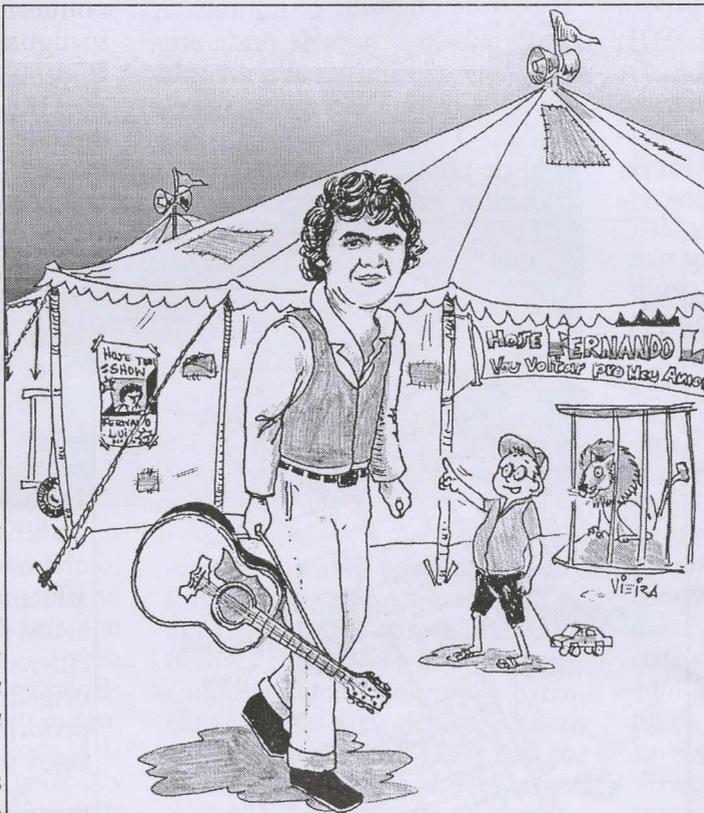
Hoje tem espetáculo?

Antes de me tornar conhecido com a música *Garotinha*, eu sobrevivi, durante muito tempo fazendo shows em circo e nunca me envergonhei disso, pois eu havia lido certa vez, o seguinte trecho, que encontra-se na contracapa do LP "Roberto Carlos San Remo": "Desde o início, percorrendo os corredores das rádios, viajando de ônibus, cantando muitas vezes de graça em circos, Roberto aprendeu o máximo daquela fase de incertezas, indispensável à formação de qualquer artista. Ele superou aquele período com paciência e com a certeza de que um dia venceria..."

No início dos anos oitenta existiam, aqui no nosso estado, alguns artistas que eram garantia de casa cheia nos circos, inclusive Carlos Alexandre. Mas além dele dois artistas que eram sucesso absoluto nos circos: Coroné Bolachinha, que apresentava o programa "Tarde Sertaneja" na Rádio Cabugi e o elenco da "Patrulha da Cidade" programa criado por Abmael Moraes, que, naquela época era apresentado por Wellington Carvalho, Nice Fernandes, e Tom Borges, no horário das onze da manhã e levava ao ar as notícias policiais, através de uma representação novelesca onde os seus apresentadores "dramatizavam" tom cômico e escrachado, com direito a trilha sonora e tudo o mais. Líder absoluto de audiência, o "Patrulha da Cidade" logo transformou-se em atração artística e fazia sucesso pelo interior. A caravana era composta por Tom Borges (que geralmente interpretava o bêbado – sempre tinha um bêbado na história), a saudosa Nice Fernandes, (que fazia a Cafufa) e o cantor Paulo Márcio, fazia o papel de bicha e encerrava os shows imitando Sidney Magal.

Na minha via-crucis pelos palcos circenses, enfrentei inúmeras situações "tragicômicas"...

Certa vez, por volta de 1981, fui a Touros fazer um show no circo de



Zé Palito que, apesar de descoberto, estava dando boas rendas, em virtude de ser época da safra da lagosta. Na noite anterior, com a luta de boxe dos anões, o circo ficara superlotado e como o programa Geração Colorida, que eu apresentava na rádio Trairy das 13 às 16 horas, de segunda a sexta, tinha uma boa audiência, havia uma grande expectativa na cidade com relação ao meu show. Viajei de ônibus no banco de trás, e passara toda a viagem com o rosto enterrado numa "Seleções", para não ser reconhecido. Minha bagagem consistia apenas do meu violão com sua capa surrada, e de um terno cinza (herança dos tempos como vendedor da Abril Cultural, no Rio de Janeiro) acomodado numa pequena valise.

Ao chegar em Touros, depois de me certificar que todos os passageiros tinham desembarcado, desci do ônibus. Quando pus os pés no solo tourense, gelei e por pouco não girei nos calcanhares: na parede da casa onde funcionava o ponto de apoio para os ônibus que faziam a linha Natal - Touros, havia um cartaz em que eu aparecia numa foto em preto e branco ao lado do Chacrinha, com a legenda: "FERNANDO LUIZ - DO CHACRINHA PARA O NORDESTE", sob à qual fora

acrescentada com letras grandes, escritas com pincel atômico: HOJE NO CIRCO (Eu havia aproveitado uma foto minha ao lado do Velho Guerreiro, no auditório da TV Bandeirantes e conseguira um patrocínio com a Provedoras para imprimir 500 posters, para fazer a divulgação dos meus shows).

Não havia ninguém do "Teatro de Lona" para me receber. Quando, desconfiado perguntei a uma senhora onde estava armado o circo, um garoto mal vestido, aparentando uns dez anos de idade, se ofereceu para levar-me até lá. Custou-me caro aceitar os préstimos daquele pentelho. Nem bem demos os primeiros passos, o moleque olhou para o cartaz na parede, virou-se prá mim, arregalou os olhos,

e gritou a todos os pulmões: "O cantor chegou, o cantor chegou!" Aqueles foram os minutos mais longos da minha vida. Em poucos instantes, eu cheguei ao circo, que estava armado próximo dali, mas até hoje o trajeto me pareceu o mais longo caminho que eu jamais percorreria até então. Ainda hoje sinto um frio na espinha ao recordar aquela cena: todas as pessoas da rua olhando pra mim e um número cada vez maior de garotos seguindo-me, todos gritando a todos os pulmões: O CANTOR CHEGOU! Só faltavam mesmo, as pernas de pau... No meio de toda aquela algazarra, com o violão em uma mão e a valise surrada na outra, eu caminhava entre apressado e cambaleante, com um sorriso amarelo de condenado à morte estampado no rosto empapuçado de suor e poeira...

À noite, não houve espetáculo. Não entrou ninguém. Dormi no picadeiro, usando minha valise como travesseiro, e pela manhã voltei pra Natal de carona em cima de um caminhão...

Fernando Luiz*

*Cantor e Compositor

Tirol

A área dos atuais bairros de Petrópolis e Tirol possui origem comum. Em 1901, foi criada a Cidade Nova (correspondente aos bairros de Tirol e Petrópolis) pelo intendente Joaquim Manoel Teixeira de Moura, em uma região ocupada por vendas, quintas e granjas. Na época, a cidade achava-se comprimida entre a Ribeira e a Cidade Alta. O local abrangia terras do sítio pertencente ao suíço Jacob Graff, por volta de 1860, cujos limites iam até a Ribeira. Quando o governador Alberto Maranhão comprou ali uma casinha para veraneio, era tão longe da cidade que se ia a cavalo.

O plano de construção da Cidade Nova foi de autoria do agrimensor e arquiteto italiano Antônio Polidrelli, e compreendia o espaço ocupado desde a Avenida Deodoro à Rua Campos Sales, abrangendo 60 quarteirões, compreendendo ruas, avenidas e praças.

A criação destes bairros, concluída em 1904, constituiu-se na primeira forma de ordenamento urbano de Natal. Esperava-se, com isso, retirar da cidade o aspecto colonial e induzir o seu crescimento futuro.

A história do bairro do Tirol também fazia parte da vida do escritor Câmara Cascudo. Ele relata que, na sua adolescência, seu pai comprara uma casa nas terras do bairro, nas primeiras décadas do

século XX. Era a “Vila Amélia”, região de chácaras e quintais. A propriedade situava-se onde atualmente estão trechos das avenidas Campos Sales, Rodrigues Alves e Apodi. O ano de 1939 marcou o final de uma vida principesca para o escritor, na mansão que se des-

Alexandrino de Alencar, mais conhecida como Vila São José, inaugurada em janeiro de 1949, com 60 casas projetadas.

Na década de 1940, estrada ligando Natal ao Aeroporto de Parnamirim (atuais Hermes da Fonseca e Senador Salgado Filho) representou um dos marcos de crescimento da cidade, pois constituiu-se numa das mais importantes vias de circulação interna desta Capital.

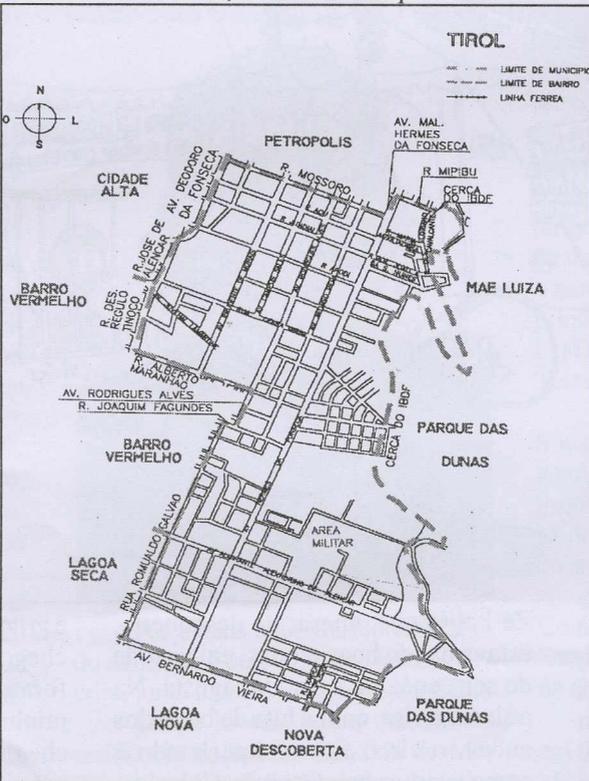
No Tirol, encontra-se a Lagoa Manuel Felipe. Já era referida, em documentos de 1646, como um pequeno lago onde nascia o Rio da Cruz, depois chamado de Rio do Baldo, afluente do Potengi, conforme atesta Olavo de Medeiros Filho em seu livro *Terra Natalense*. A origem do topônimo liga-se ao proprietário das terras onde a lagoa se encontra.

Atualmente, a Lagoa Manuel Felipe abriga a Cidade da Criança, espaço cultural e de lazer, destinado, preferencialmente, ao público infantil.

O nome Tirol, afirmava Pedro Velho, foi apenas uma lembrança da Austria, como era costume na época.

Oficializados como bairros pela Lei n.º 251 de 30 de setembro de 1947, na administração do Prefeito Sylvio Piza Pedroza, teve seus limites redefinidos na Lei n.º 4.330, de 05 de abril de 1993, publicada, no Diário Oficial, em 07 de setembro de 1994.

Paulo Venturele de Paiva Castro



tacou pelo luxo e pela convergência das mais ilustres figuras da cidade ou que por aqui passavam.

Em 1939, também, foi lançada a pedra fundamental da construção do quartel do 16º Regimento de Infantaria, na avenida Hermes da Fonseca, que começou a funcionar em fevereiro de 1942, numa área de 99,84 hectares. Ao lado do quartel, foi construída a *vila dos sargentos*, na esquina da avenida

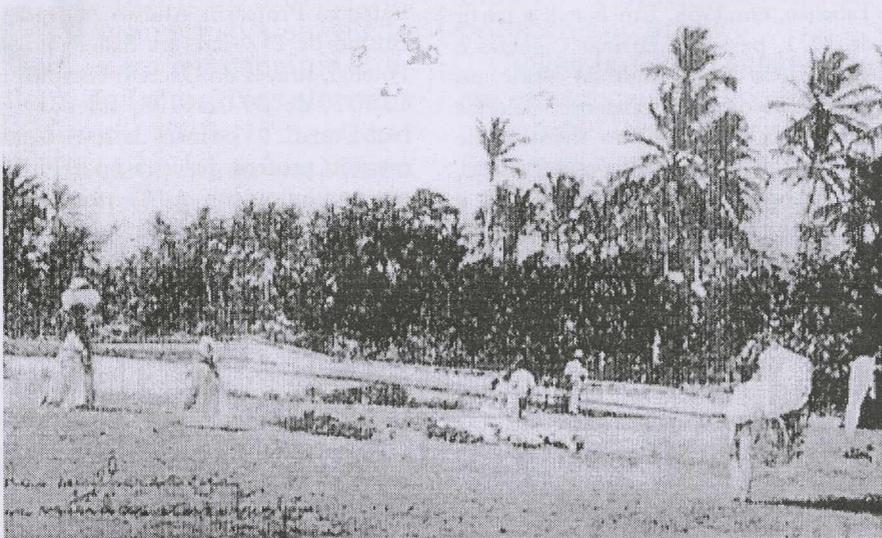




Educando em terras potiguares.

www.marista-natal.com.br
marista@marista-natal.com.br
Tel: (84) 4009-5000

Rio do Baldo ou Bardo?



O bucólico Baldo no ano de 1904.

Em Natal, a expressão Baldo, indica o espaço onde passa o rio que deu de beber a cidade. Em época remota, segundo Câmara Cascudo, este espaço foi denominado de Bardo. Estas duas denominações aguçam a curiosidade pela duplicidade da identificação. O Rio do Baldo, em épocas passadas, serviu tanto para abastecer de água a população, como para assinalar os limites da cidade do Natal.

No início, Natal contava, no ano de 1700, com apenas duas ruas. A *Rua Grande* ou *Da Cadeia* (onde está localizada a praça André de Albuquerque) e a *Rua do Caminho de Beber Água* (que compreendia as ruas Santo Antonio e Conceição). Os topônimos das ruas de antigamente, evidenciavam o que mais se destacava na artéria. A Rua Grande, obviamente deveria se referir a sua dimensão; enquanto a segunda denominação se justificava por estar edificada, naquele espaço, a cadeia da cidade. A outra rua, por ser o caminho para o rio que servia a população de água potável, vez que a água do Rio Grande (Potengy) era

salobra, autêntica a sua designação. Privilegiando este abastecimento de água, foram ali aprofundados os declives naturais do riacho e construídos tapumes de terra e barro, enfeixados de varas de silva e ramos entrelaçados, para aglomerar água por ocasião das chuvas, evitando assim que a população se privasse do precioso líquido. Após esta construção passaram a chamar aquele local de *Tanque da entrada da cidade*.

No ano de 1833, o Presidente Basílio Quaresma Torreão, queixou-se ao Conselho Geral da Província afirmando que vadios tomavam banho dentro do tanque coletor das águas que escorriam pela Bica. Já em 1855, o Presidente Passos mandou construir uma parede e cobrir de telha aquela fonte, para evitar que continuasse a servir de banheiro. Mesmo assim, o rio do Baldo continuou a servir de balneário e ponto de serenata dos jovens de então, que ali reunidos, cantavam e versejavam, gastando o tempo antes de despertar as recatadas donzelas da cidade em românticas serenatas.

Realizado este passeio histórico, fica a indagação: rio do Baldo ou Bardo? Aurélio Buarque, o nosso dicionarista mais presente, nos ensina que Baldo é uma barragem ou parede para represar as águas de um açude. Razão porque, ficou aquele local registrado, até os dias de hoje, como Baldo. Entretanto Bardo, como chamavam antigamente, nos conduz a duas ilações. Sendo de origem pré-romana *Barda* significa: cerca de silvado, barda; Sendo de origem Celta passando ao latim como *Bardu* significa: trovador, vate, poeta. A expressão Baldo ficou bem esclarecida, resta-nos então optar entre os dois significados da palavra Bardo para justificar a denominação do Rio. Ou aceitamos que é oriunda dos taludes construídos para armazenar as águas das chuvas que servia para aplacar a sede da população da cidade, ou admitimos que o nome surgiu em função das serenatas ali ensaiadas. Particularmente, em homenagem ao rio que mitigou a sede dos nossos antepassados, acolhemos a expressão oriunda do latim, em razão das reuniões dos jovens que ali poetificavam e revelavam seus dons artísticos.

Esperamos que a beleza do significado latino, das distantes e inesquecíveis serenatas, permaneça representando uma época de romantismo, em tributo ao Rio que, em seu jazigo atual, foi submetido, inexoravelmente, a trocar seu céu enluarado, volatilizado de musicalidade e poesia, pelo teto, sem brilho, de um viaduto de cimento armado. A população do Século XXI precisa e deve conhecer a importância do riacho da cidade; precisa e deve conhecer a importância do histórico Rio do Bardo.

Manoel Procópio de Moura Júnior



SALESIANO

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530
Fone: (84) 3211-4220 - Fax: (84) 36111027

O escritor Aluísio Azevedo: dados biográficos

O escritor Aluísio Azevedo, considerado pelo “Profeta das Águas”, o Monsenhor Expedito Medeiros, no discurso pronunciado por ocasião do lançamento do livro “Dom José Adelino Dantas”, em 28 de abril de 1990, como “o braço direito da ação social da igreja, nos anos mais vibrantes, que nós tivemos na nossa paróquia”, nasceu em São Paulo do Potengi, no dia 27 de outubro de 1925. Seus pais, Manoel Henrique de Azevedo e Josefa de Azevedo Dantas, nascidos em Picuí, no Estado da Paraíba, instalaram-se nas terras do Potengi, no início do século XX. Por problemas de saúde, Aluísio, após concluir o curso primário no Grupo Escolar “Coronel Maurício Freire”, matriculou-se no Atheneu Norte-riograndense, para cursar o ginásio e o Colegial, concluindo, em 1951, o Curso Superior de Farmácia na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal. Na Capital do Estado, residiu em casa de familiares e na “Casa do Estudante do Rio Grande do Norte”, onde exerceu a função de Diretor, entre 1948/1951. Foi, também, revisor no jornal “A República”, em 1950, e funcionário na Farmácia da Legião Brasileira de Assistência - LBA, entre os anos de 1951/1952. Voltando a São Paulo do Potengi, fundou a Farmácia Santa Rita, tornando-se o técnico, a partir de 1952. Como Professor, ministrou aulas de Ciências e História do Brasil, na Escola de Comércio, entre 1958/1964, e no Colégio São José, 1965/1970; foi Presidente do Centro Social, de 1952 a 1972; Diretor da Secretaria da Câmara Municipal, de 1953 a 1958; Presidente da Maternidade Francisquinha Fonseca, de 1959 a 1972; Vice-Presidente da Associação Rural; Vice-Diretor da Escola de Comércio; Secretário do Sindicato do Comércio Varejista; dirigente de associações esportivas; Defensor Dativo de réus pobres; e membro da Comissão Julgadora de

Concurso Público, para o cargo de Tabelião, em 1955. Em Natal, a partir de 1971, passou a ensinar Ciências e História do Rio Grande do Norte, no Atheneu Norte-riograndense; Ciências e História do Brasil, no Instituto de Ensino Dr^a Nívia Madruga, e Ciências, no Ginásio Noturno “Mons. Matta”, e no “Café Filho”; membro fundador do Conselho Comunitário de Candelária; e funcionário da COSERN, de 1971 a 1983, quando recebeu a Aposentadoria. Participou, como membro efetivo, do



VII Congresso Brasileiro de Farmácia, em Recife, 1961; de Cursos para Formação de Professores, oferecidos pela Inspeção Seccional do Ensino Secundário de Natal, entre 1965 e 1966; e estagiou na CELPE, em Recife, Pernambuco, como funcionário da COSERN, 1980. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço - SBEC; e da Academia Norte-riograndense de Letras, empossado em 20.11.1997; é Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, desde 29.03.1985. Recebeu os títulos de Cidadão Monte-alegrense, em 1992, e de Cidadão Natalense, em 1996, concedidos pelas respectivas

Câmaras Municipais. Patrono da Escola Estadual Professor Aluísio Azevedo - Ensino de 2º Grau, em São Paulo do Potengi, através do Decreto Estadual nº 13.775, de 29.01.1998, faleceu em Natal, no dia 04 de maio de 2005. Como escritor, proferiu palestra no IHGRN, em comemoração ao Centenário da morte de Dom Pedro II; Saudação ao Governador José Cortez Pereira, e outra a Ney Lopes de Souza, em nome dos funcionários da COSERN, e a Oração de Confraternização pelos 50 anos de fundação da Casa do Estudante de Natal, em 1996; Saudação ao Santo Padre Pio XII, na realização do Tríduo Rural, em 1954 e na Semana Rural, 1956; prefaciou “Minha passagem pela Casa do Estudante do Rio Grande do Norte”, de Manoel Medeiros, 1991; “Genealogia e Antropologia de um povo”, do Professor Ivo Ferreira Neto, 1993; “Efemérides Natalenses”, do Professor Israel Nazareno; e publicou a História da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte, 1982; “História de São Paulo do Potengi”, 1983; “História de Lagoa de Velhos”, 1984; “História do Município de Barcelona”, 1985; “Discurso de posse na Academia Norte-riograndense de Letras”, 1997; “História do Município de São Pedro”; e “História de Senador Eloy de Sousa”, 1988; “Dom José Adelino Dantas”, 1990; “História do Município de Monte Alegre”, 1992; “Cronologia do RN: Cinco Séculos de História”, 1996; “Monsenhor Expedito: o Profeta das Águas”, 2000; “Famílias Azevedo, Dantas, Medeiros e Rocha no Rio Grande do Norte”, 2002; deixando inéditos: “Cronologia Brasileira”; “Memórias de um Pirata”; “Personagens e Fatos da Cidade de Ruy Barbosa”; “Dom Adelino, o educador e pastor”; “Minhas Memórias”.

Francisco Fernandes Marinho

COOPERATIVA CULTURAL UFRN

**Cooperativa Cultural Universitária
do Rio Grande do Norte Ltda**

SUA LIVRARIA NO CAMPUS

Centro de Convivência Djalma Marinho, Sala 08 - Campus Universitário/UFRN - Lagoa Nova - CEP 59078-970

E-Mail: coop.livros@uol.com.br - Site: www.cooperativacultural.com.br

Fone: (84) 3211-9385

Rodolpho Garcia

O primeiro norte-riograndense a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Nos elevados órgãos da Cultura nacional ocupou cargos diretivos: Museu Nacional, Biblioteca Nacional e Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

Privou, por largo espaço de tempo, do melhor ambiente intelectual da nação brasileira.

Diplomou-se pela tradicional Faculdade de Direito do Recife, aos 25 anos de idade.

Escritor dos mais eruditos, incursionando nos domínios da etnografia, da historiografia, da etnologia. Era, também, dicionarista. O "Dicionário de Brasileirismos" é de sua autoria.

Escreveu, também, dentre outras obras: "Ensaio sobre a História Política e Administrativa do Brasil"; "Etnografia Tupy"; "Exotismos"; "Obras de Claude Abville".

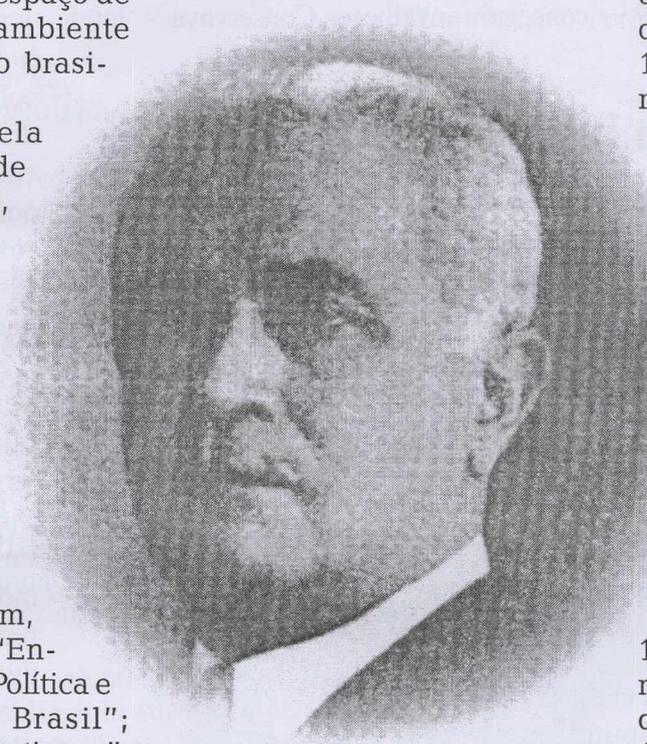
Seus biógrafos assinalam ter ele escrito mais de quarenta livros.

Dignas de registro, outras produções: "Nomes de Aves na Língua Tupy"; "História das Expedições Científicas"; "Os Judeus no Brasil Colonial"; "Bibliografia Geográfica do

Brasil"; "Nomes geográficos peculiares ao Brasil".

Rodolpho Garcia anotou toda terceira edição de 3 volumes da "História Geral do Brasil", de Francisco Adolfo de Varnhagen.

Inumeráveis as produções intelectuais por ele anotadas e criticadas, num labor gigantesco



de historiografia, labor elogiado por todos aqueles que fizeram da crítica histórica investigação permanente.

Dele, disse Nilo de Oliveira Pereira:

"Em Rodolpho Garcia a irreverência uma das marcas do seu espírito polemista. Não se excedia no adjetivo, não via na

frase a expressão gorda, enfática, nem recorria às comparações mitológicas e nem usava a metáfora. Não era capaz de chamar o sol de "astro-rei".

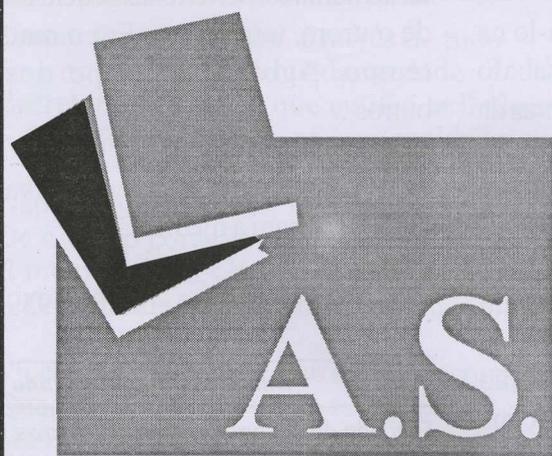
O Governo do Rio Grande do Norte, na pessoa do seu Interventor Federal de então, Mário Câmara, ofertou o Fardão Acadêmico para a posse de Rodolpho Garcia, na solenidade de 13 de abril de 1935, no salão nobre da Academia Brasileira de Letras.

Segundo o paraibano Acadêmico Guilherme d'Ávila, talvez o maior conhecedor da obra do "Gigante de Ceará-Mirim": ele, o norte-riograndense Rodolpho Garcia, Varnhagen e o cearense Capistrano de Abreu, foram "os três mais expressivos nomes da moderna historiografia brasileira".

Nascido aos 25 de Maio de 1873, na luxuriante terra do Ceará-Mirim, unidade municipal do nosso Estado, e falecido em 14 de Novembro de 1949, na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

O ínclito cidadão Rodolpho de Amorim Garcia foi, incontestavelmente, um dos perfis literários mais cultos do Rio Grande do Norte.

Jurandir Navarro



Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - Natal/RN - Fone: 3206-9099

Praia Shopping - Loja F5/6
Natal/RN - Fone: 3206-9099

A.S. LIVROS

Meu colega, Antônio Emerenciano

Durante o tempo em que fui secretário do Tribunal de Justiça era secretário do Departamento de Saúde o poeta Antônio Emerenciano. Vizinho de sua janela acenava-me uma saudação risonha.

Éramos, evidentemente, colegas e sempre o chamei “colega”. O outro era Manuel Procópio de Moura, colega na classe dos escrivães porque o então secretário do Egrégio tinha esse título.

Antônio Emerenciano foi trinta e oito anos funcionário e vinte e dois secretário do Departamento de Saúde. Nascera em Natal a 13 de junho de 1886. Dia de Santo Antônio de quem herdara o nome.

Morreu no seu posto, sentado à sua mesa, na tarde de 3 de maio de 1957. Era irmão de Gotardo Neto. Filho do Professor José Idelfonso Emerenciano, o inesquecível Professor Zuza, que dá nome a uma rua na Cidade Alta, a rua em que tantos anos viveu e morreu.

Antônio era da geração do “Potiguar”, da Oficina Literária Lourival Açucena, com Ivo Filho, Ponciano Barbosa, Ferreira Itajubá e o mano Gotardo.

Naturalmente não se pode dizer quantos, e quais foram os jornais em que Antônio Emerenciano colaborou. Em todos. Em quase todos. Anos e anos emendou provas n’A República, ajudando a “cesta do mercado”. Morei na Praça Sete de Setembro, de 1937 a 1945. Antônio Emerenciano residia na Rua da Conceição, um pouco acima. Éramos da mesma rua e do mesmo bairro.

Veza por outra esbarrávamos

para conversar. Fazia-o recordar seu tempo que ainda alcançara. A “turma” do “Potiguar” fora minha amiga e alguns meus íntimos.

Aquele “sobrevivente” sabia evocar e sobretudo sabia sentir sua pequenina história intelectual.

Antônio Emerenciano não conseguiu envelhecer. Conservava



um ar de rapaz, dando a impressão sisuda e grave de distância bem educada dos acontecimentos. Tinha, como raros, o pudor da emoção. Escondia sua saudade, suas opiniões, seus pensamentos.

Era um milagre apanhá-lo na veia da confidência, do desabafo literário numa das fortuitas horas da saudade em que a lembrança voava na quarta dimensão, ressuscitando o passado nas tristes comparações do presente.

Antônio Emerenciano era um devoto silencioso do irmão Gotardo Neto. Não o citava muito. Não empurrava o nome fraterno em cima das notoriedades vencedoras.

Amava, num leve sorriso, contar-me quanto o irmão lera e soubera. Já Ivo Filho, na Academia Norte-riograndense de Letras, desenhou excelentemente a figura de Gotardo Neto de quem fora amigo. Fixara os últimos tempos dolorosos do lento suicídio e da quase reclusão, lendo, lendo, desalentado, desiludido, doente de melancolia. Antônio Emerenciano dizia, nessas horas crepusculares, como Gotardo Neto continuava lúcido e poderoso, embora recusando perpetuar-se escrevendo o que dizia com tanto brilho.

Dizia-me então versos. Versos que não foram publicados e que, criminosa e não registrei. Tinha a impressão de que Antônio Emerenciano nunca havia de morrer e que estaria sempre pronto a repetir-me as produções de Gotardo Neto.

As próprias eram mais difíceis. Desculpava-se, sorrindo, que as esquecera. O tempo da poesia passara. Os olhos desmentiam a escusa. A poesia vivia na-

quele Emerenciano sensível, sentimental e reservado.

Numa tarde em que conversávamos no banco da praça tranqüilo Antônio Emerenciano, evocando as festas humildes, as tertúlias deliciosas de outrora, terminou: - Era o meu tempo. Agora é o tempo dos outros...

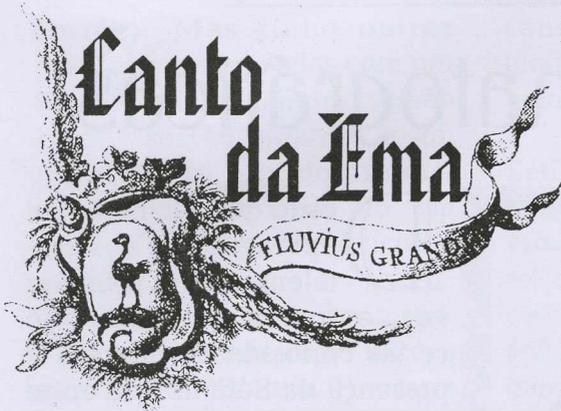
Tempo dos outros...

A frase deixa uma perspectiva indefinida para a meditação...

A REPÚBLICA – 09/09/1959

Luís da Câmara Cascudo

Extraído de *O Livro das Velhas Figuras*, vol. IX. EUDFRN, Natal, 2005



Saudade

Letra: Antônio Emerenciano
Música: Olympio Baptista Filho

Quem me dera ser pássaro, ter asa,
Todas as vezes que de ti me lembro,
E ir cantar no beiral de tua casa
Por estas tardes claras de dezembro.

Ser pássaro... saudade é um tormento,
Fere-me o peito, a vida me consome,
Fosse uma ave, pudesse ao meu lamento,
Ouvir a brisa murmurar teu nome.

Teu nome é o madrigal que alegre, canto
Todas as vezes que de ti me lembro...
Ah, melhor for não te amasse tanto
Por esta tarde clara de dezembro.

Meu pensamento é célere gaiivota
Voando, ao clarão de esplêndida aurora,
Pousar na penedia ou numa ilhota,
Junto à casinha branca em que tu moras.

Nesse instante de tédio e sofrimento,
Sentindo o mesmo afeto em que te abrasas
Vai contigo viver meu pensamento,
Mas a saudade fica, não tem asas.

Coração de mulher

Letra: Antônio Emerenciano
Música: Antônio Albuquerque

Desconfias de de mim, descrês de tudo
Que no meu peito, é lúcida verdade
Entretanto, bem vez que eu não te iludo...
- Coração de mulher, só tens maldade!

Não me amas, talvez, mas tens receios
De a outro coração ver-me atraído
E me prendes assim, a um falso enleio
- Coração de mulher como és fingido!...

Vives sempre a dizer que não me esqueces
Que, afinal, o meu amor te seduzira
Mas, no íntimo, eu sei que me aborreces,
- Coração de mulher és só mentira...

Toada alegre - 1ª estrofe

Letra: Antônio Emerenciano
Música: Olympio Baptista Filho

Teu sorriso é níveo cofre
Do mais sacrossanto amor...
Asilo ao peito que sofre
Nos transe da amarga dor

“Cancioneiro Potiguar” - 1912

Versos d'alma - 1ª estrofe

Letra: Antônio Emerenciano
Música: Olympio Baptista Filho

Minha ilusão, meu suspirado pomo
De sangue e carne misteriosa
Creio que o veneno letal que tens no seio
É a causa da volúpia que não domo.

“Trovador Potiguar” - 1923/24

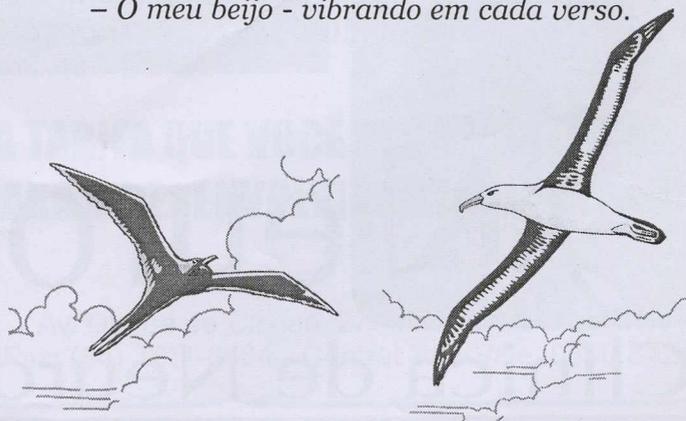
Soneto

Às vezes, quando a noite se avizinha
E o sol se esconde na doirada tela,
Vejo-a, qual ninfa solitária e bela,
Cismando, à porta da gentil casinha.

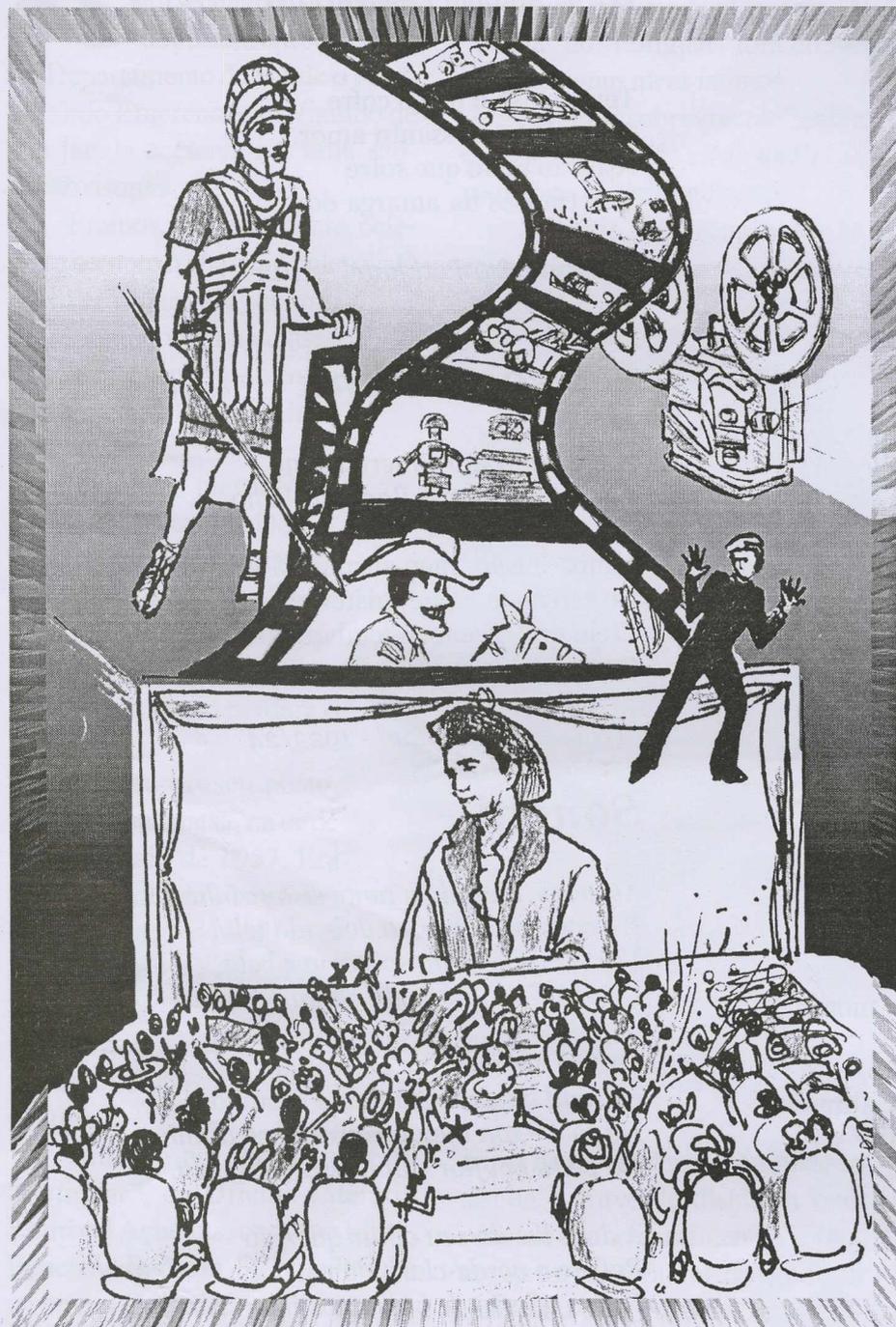
Parece um vulto de encantada estrela
No azul boiando, tímida e sozinha...
Na fala - um meigo rouxinol se aninha
No peito em flor - um desalento vela.

A doce luz do seu olhar querido
Reflete o verde-claro do vestido
Numa efusão de bálsamos imerso.

Canta. E seu canto evola-se ostentando
Em cada nota - o beijo meu vibrando,
- O meu beijo - vibrando em cada verso.



Curiosidades cinematográficas



Desde que o cinema foi apresentado aos natalenses pela primeira vez, em abril de 1898, que certas curiosidades marcam a presença da Sétima Arte entre nós. Neste começo em abril de 1898, quando a máquina projetora de filmes era operada manualmente, o exibidor Nicolau Parente provocou espanto aos primeiros espectadores do novo divertimento, girando a manivela ao contrário, resultando na inversão da cena no curta "Banhos da Alvorada", fazendo com que se visse os banhistas subindo da água ao trampolim ao invés de caírem do trampolim na água.

As exibições dos filmes nos cinemas, não no início (como eu já informei neste jornal, por mais de uma vez, o primeiro cinema natalense foi o Cinema Natal, inaugurado em 1909), mas com a continuação da presença do público, e com a inauguração de novos cinemas, eram demarcadas por "sessões" para determinado tipo de espectadores (no Rex tinha a "sessão popular"; no São Pedro tinha a "sessão dos militares", e uma "sessão das moças") ou denominadas conforme o horário de apresentação (matinê, vespéral,



Rua Marcílio Furtado, 2042 - Lagoa Nova - CEP 59063-360
Fone: (84) 3206-5181 - Natal / RN

Neuromed

Clínica de Neurologia de Natal

soirée). Mas tinha outras sessões generalizadas com um título multiabrangente: "sessão chic", "sessão gigante" (esta, geralmente aos domingos, apresentando mais de um filme, além de curtas, noticiário etc.).

Inaugurado numa terça-feira, a 29 de janeiro de 1924, o cinema Rio Branco. Por cada "entrada" ("bilhete de entrada" ou "ingresso") era cobrado 1\$000 (um mil réis). Mas o proprietário Alberto Leal criou também uma jogada de lucro: quem quizesse podia comprar uma caderneta com 25 ingressos, ao preço de 20\$000 (vinte mil réis). Foi no Rio Branco, em seus primeiros dias, que foi mostrado o famoso seriado "Os Mistérios de Paris", adaptação do romance de Eugene Sue.

No começo dos anos 30 do século passado, inventou-se a dublagem, e passou-se a divulgá-la como uma coisa altamente positiva, porque o espectador não iria perder uma cena por conta de ter que ler a legenda. Uma empresa, a Brasil Studios, instalou-se em Nova Iorque para cuidar de levar brasileiros para trabalhar na dublagem de filmes americanos destinados ao nosso mercado. Em fevereiro de 1931, a diretoria do jornal natalense "A República" recebeu uma carta da referida empresa, solicitando ao jornal colaborar na convocação de

candidatos potiguares a dubladores, a serem contratados pela Paramount.

Ao longo da história da Sétima Arte na cidade, espectadores natalenses viram muita violência representada nas telas. Mas também os próprios espectadores praticaram ou sofreram violências dentro dos cinemas. Em 7 de julho de 1949, no Cine Alecrim foram exibidos apenas 10 minutos do filme "Meia Noite em Paris". Como não continuou, espectadores fizeram uma depredação, quebrando 10 cadeiras. A 11 de maio de 1964, um sargento da polícia tentou matar com um tiro um estudante que assistia um filme no cinema Rio Grande.

Mas também muitos filmes que despertaram o sentimento do amor foram vistos. Em julho de 1935, por exemplo, o cinema São Pedro estava exibindo o filme "Meu Coração Te Chama". A 11 de julho de 1935, o jornal "A República" publicou o soneto "Martha Eggerth" (que era a atriz do filme), onde o espectador O. Eme (talvez o pseudônimo de um poeta da cidade) escrevia: "Calem-se as aves todas, mil a mil!/O uirapuru, pela Amazônia homérica,/todos os sabiás pelo Brasil/Para te ouvir e amar, não é em vão/que a minha terra, no verdor da América,/tem a forma ideal de um coração."

Mas, enfim, os cinemas

natalenses não serviram somente para a projeção de filmes. No sábado, 12 de outubro de 1940, apresentou-se no palco do cinema Rex o Grêmio Dramático de Natal, com a peça "O Hóspede do Quarto N° 2", comédia de autoria de Armando Gonzaga. E a 31 de agosto de 1941, no mesmo cinema, com a presença do interventor Rafael Fernandes, foi realizado o sorteio militar, em uma cerimônia solene. Além de peças de teatro, shows com famosos artistas nacionais como Linda Batista, Sivuca e outros. Afinal, como dizia a propaganda do cinema São Pedro: "O cinema é uma escola de arte e elegância."

Outras curiosidades: a 05 de janeiro de 1938, o Rex começou a exhibir o filme "Ramona", mas pouca gente foi assisti-lo, porque se dizia que o filme dava azar. No mesmo ano de 1938, nas propagandas do São Pedro, os preços dos ingressos eram assim anunciados: Cavalheiros 1\$500; Belo Sexo 1\$100; Estudantes 1\$100; Geral \$500. Com a desativação do Rex, em 1984, camelôs acharam jeito de pregarem armadores sob a marquise do velho cinema, armando diariamente redes a serem vendidas na calçada do prédio.

Anchieta Fernandes



S E T U R N

**SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES
URBANOS DE PASSAGEIROS DO MUNICÍPIO DO NATAL**

**A TARIFA QUE VOCÊ PAGA CONTRIBUI
PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE**

Av. Duque de Caxias, 27 - Ribeira - Natal/RN
Tel/Fax: (84) 3211-8484 - Central Tele-Vale: 0800.842122

O quase centenário Cornélio Campina da Silva

É do município de Portalegre, no alto Oeste Potiguar. A porta alegre sertaneja, como a teria batizado o Português Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco numa atitude de deslumbramento diante do clima ameno. Nos 650 metros de altitude da encantadora serra, está situado um dos mais antigos municípios do Estado, com suas lendas e estórias, contadas e repassadas pela tradição oral. Dentre outras riquezas culturais a Dança de São Gonçalo, com mais de cem anos de tradição, se destaca como uma preciosidade, dançada por mulheres negras, comandada por Dona Aldizes em devoção ao santo português.

Esta é a terra de Cornélio Campina da Silva, nascido a 08 de outubro de 1908, filho de João Campina da Silva e Júlia Bezerra da Silva que chegou à Natal em 1929, acompanhado de seus familiares. Estabeleceram-se no bairro das Rocas atraídos pelas notícias de uma região progressista, área de pescaria, vida portuária e comércio.

Antônia Campina da Silva, sua tia e inspiradora, transmitiu-lhe os inesquecíveis ensinamentos, conta Cornélio, uma riqueza pouco compreendida pelos natalenses. As primeiras manifestações dessa maravilha, quase perdida na poeira do tempo, relíquias do folclore nordestino, aconteceram justamente em Natal no bairro das Rocas, a partir de 1948, mais precisamente no São João, no Natal e outras oportunidades, em que se apresentavam, com a denominação de "Cordelânea", para depois acatar a feliz sugestão do Mestre Luis da Câmara Cascudo: "Araruna". Transformada em "Sociedade de Danças Antigas Semidesaparecidas", uma reunião de



danças da aristocracia medieval européia e dos salões do patriarcalismo rural potiguar, inspirados na fauna regional, única no Brasil, com estatuto e sede própria, instalada na rua Miramar de nº 173, Rocas, Natal, Rio Grande do Norte.

Este é o mundo de Cornélio Campina, um homem feliz pelo que conseguiu fazer, salvar, com muito esforço, amor e dedicação. Trouxe o sertão para o litoral onde conviveu e convive até hoje, entre morros, areia,

praia, mar, coqueiros, terras encharcadas por águas salobras, brisa marinha, roncões de aviões de pátrias outras, navios e barcos ancorados no místico e lendário rio Potengi.

É emocionante ver o Mestre Cornélio, no alto dos seus 97 anos, executando, não com a mesma agilidade de tempos atrás, mas, com a mesma magia e arte que encanta a todos, charme, elegância e carisma, os passos cadenciados, ritmados, destas seculares danças. Os acordes do primeiro número no salão e com ele o quase centenário Cornélio.

Eu tenho um passaro preto Araruna/ que veio lá do Sertão, Araruna/ xô, xô, xô, Araruna/ xô, xô, xô, Araruna/ não deixa ninguém te pegar, Araruna.

Depois de aproximadamente setenta anos sem visitar sua terra natal, levar o grupo que ele criou, para que seus conterrâneos conhecessem, rever cenários dos primeiros deslumbramentos, ele consegue afinal realizar o sonho, graças a François Sivestre, Presidente da Fundação José Augusto. Contou-me chorando que pediu ao presidente da FJA, ao qual foi atendido de imediato. Quero visitar minha terra. Sonho realizado, missão cumprida do guerreiro, Mestre sagrado e consagrado do folclore brasileiro. Contou-me François - a emoção do mestre foi tamanha, que em determinado momento cheguei a me preocupar com seu estado de saúde. Ao mais, o Araruna, Cornélio e Portalegre, Portalegre, Cornélio e Arauna, agradecem, o sensível gesto, a forma atenciosa, do presidente da Fundação José Augusto.

Severino Vicente



Estão abertas as inscrições para os concursos literários Othoniel Menezes (poesia) e Câmara Cascudo (prosa)

As inscrições podem ser feitas até 20 de janeiro de 2006 na Biblioteca Municipal Esmeraldo Siqueira (Capitania das Artes) das 9 às 13 hs.

Os concursos são promovidos pela Prefeitura do Natal através da Fundação Capitania das Artes. Os trabalhos concorrentes devem ser inéditos.

Podem participar os escritores potiguares ou os que comprovem a sua dedicação nas atividades literárias no RN, estando impedidos aqueles que nos dois últimos anos tenham sido premiados nesses concursos. Premiação: Vencedor R\$ 3.000,00 mil. O prêmio será entregue no dia 14 de março de 2006. O regulamento está disponível na Biblioteca Esmeraldo Siqueira.



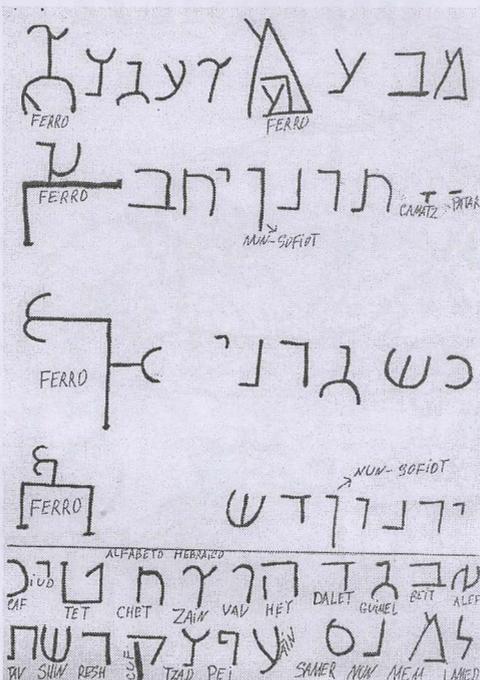
Funcarte@natal.rn.gov.br - Fone: (84) 3232-4956

De aboio e de ferro

Não obstante a pregação da – morte da história – e da nivelção dos seres, mediante o avanço do neo-liberalismo, da globalização e da tecnologia que estabelece uma cultura ligeira e artificial, onde o todo e o nada estão juntos, resumidos e reduzidos ao quadrado de luz fria da TV ou do bicho cibernético chamado computador. Os arquétipos afloram indiferentes a tudo isso. Afloram através dos sentidos. O aboio é ouvido e o ferro é visto e faz acordar, ou melhor faz reviver o que parecia ter morrido.

Salve todos os aboiadores, violeiros, poetas e cantadores nas pessoas de Luiz Gonzaga, Elomar Figueira de Mello e salve também todos os vaqueiros de mato fechado e ferradores de gados nas festas de apartação na pessoa de Manoel de Higino da ribeira do Potengi de quem eu ouvi tantos relatos desses afazeres que ele (meu pai) tanto gostava. Salve também os que se preocuparam em registrar em livros a grafia dos ferros de ferrar gados, nas pessoas dos mestres: Ariano Suassuna, Oswaldo Lamartine de Faria, Virgílio Maia e Luiz da Câmara Cascudo que também falou de aboio e de ferro.

Alegres, tristes, saudosos ou contritos, os primeiros patriarcas do sertão do Rio Grande do Norte aboiaram, se verbalizando palavras em português ou em outro idioma incompreensível, isso não temos como afirmar, mas desconfiamos que o: ê ê ê ô ô do aboio reproduzido pelo gentio (vaqueirama) eram palavras de uma outra língua não conhecida pela maior parte da população, e por não entenderem a



língua, e por acharem o canto, a música, a melodia bonitas, passaram a imitar o som ouvido, apenas com entonações monossilábicas das vogais latinas. (Luiz da Câmara Cascudo aponta para o Oriente Médio como possível origem do aboio). Podemos comprovar que muitas rezas e cantos judaicos encaixam-se e podem perfeitamente ser entoados em aboio sem nenhuma dificuldade. Ouvi meu pai muitas vezes aboiar ao cair da tarde, sentado no batente de nossa casa em SOM-BRA – São Pedro/RN, em sons monossilábicos, terminando os seis versos com sete sílabas, sempre com o - ê ê ê ô ô saudade! – Perguntamos: saudade de quê, de quem, de onde? Da Canaã de Abraão, de Espanha (que é Sefarad), de Portugal ou das sinagogas do Pernambuco de Maurício de Nassau? Afirmar não

podemos, negar também não. E aboio, e ferro, e gado, e Santa Inquisição, e perseguição, e homens, e saudades, e mistérios, e estórias, formam a História. Falemos agora de alguns ferros de ferrar gados: há um quê de mistério nas primeiras marcas de ferrar, pelo menos é o que se percebe na linguagem dos que já trataram desse assunto. Eles (os ferros) eram símbolos, mas não eram letras latinas que identificassem os nomes dos seus proprietários. Uns apontam para as pinturas rupestres, outros as identificam com as runas. Apesar de não podermos afirmar de forma categórica, suspeitamos e achamos mais provável que algumas daquelas marcas, tenham sido criadas por quem conhecia, se não a língua hebraica, pelo menos seus caracteres. Essa nossa indagação é fruto de nossa observação e identificação de muitas letras hebraicas encontradas em várias marcas de ferrar gados aqui no Rio Grande do Norte. Observemos algumas marcas nas quais identificamos uma quantidade significativa de letras hebraicas, inclusive uma marca nova, levantando a hipótese de sermos um daqueles patriarcas e como ficaria totalmente diferente do nosso nome em letra latinas.

Assim entendemos que possivelmente, os que criaram essas marcas, também aboiaram suas rezas em hebraico, eram Judeus – Marranos – Cristãos Novos ou melhor – Os Bney-Anussim – Filhos dos Forçados.

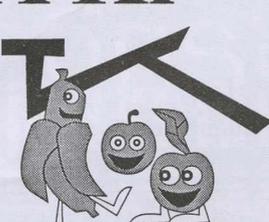
Manoel Moura Filho



Vila DAS artes
MÓVEIS ANTIGOS - GALERIA DE ARTES

Av. Hermes da Fonseca, 1317 - Tirol/RN
Fone: (84) 3221-5368
(Próximo ao 16 RI e em frente ao TRE)
www.tyrolviladasartes.com.br

A Ki - Tanda

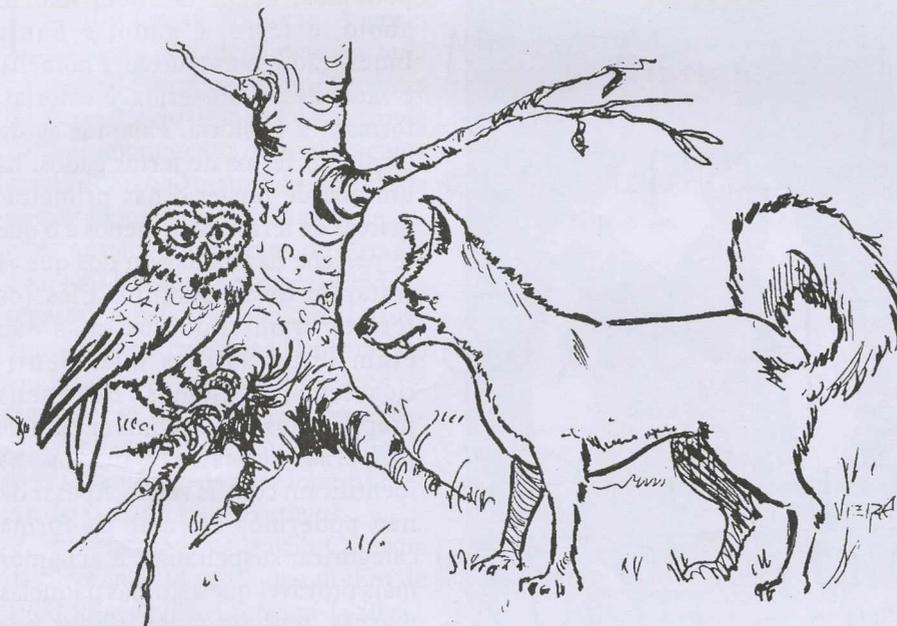


DISKTANDA
3223-3161

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 1429 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 3223-3161

O caboré-de-buraco



Ele é medonho para cavar buraco. Faz aquele monte de terra bem alto e fica lá. No corrente do dia, lá está ele dentro do buraco chocando os ovinhos. À noite, fica do lado de fora só observando... A cabeça do peste roda, e quando dá-se fé, está do mesmo jeito. Parece inté que é muntada num rolamento. Quando o caboré vê que vem se aproximando um bicho qualquer, alarma. Aquele ali da mata do Paturi, certa vez, usou de sabedoria. Era tempo de inverno pesado e o caboré molhou-se todinho, ficando sem poder avoar. Qualquer pessoa ou animal que chegasse, pegava o pobre ali num canto com facilidade. De repente, lá vinha uma raposa. Vendo o caboré todo enopado de água falou:

-Vou te comer agora! Ele fez aquela careta para o lado dela e

respondeu:

-Você engole eu, mas vai se entupir de um jeito que é arriscado tu morrer.

-Por quê? Quis saber a raposa.

-Ora, caboré molhado entope.

-Neste caso, vou deixar você enxugar. Botou o caboré ali num cantinho mais alto e ficou esperando. De vez em quando, o caboré se penerava e dizia:

- Olhe, você não venha que é arriscado tu morrer... De repente, pegou a avoar e trepou-se num galho de pau. A raposa abestalhada falou:

- Ah! Você me enganou.

- E enganei mesmo, que caboré molhado não entope.

- Eu ainda te pego respondeu a raposa desapontada.

- Pega, mas é difícil! ...

Quando foi um dia, lá estava o caboré do Paturi cavando, quando a raposa num bote ligeiro, agarrou em sua perna. O caboré arrochou depressa as asas lá dentro do buraco estreito e disse:

- Ô bicho besta é a tal da raposa! Ao em vez de pegar no meu pé, agarrou foi numa raiz de pau. A raposa vai e solta o pé dele e pega uma raiz de verdade. E ficou ali pegada com a raiz, dando tempo para o caboré cavar na frente e sair voando para um pé de pau. Ficou lá atrepado e ela lá em baixo pegada na raiz. Puxava, puxava e nada...

- Ô bicha besta, tu tava pegada era no meu pé!

- Miserável! Deixe ver que qualquer dia eu te agarro!... Tempos depois, ela pegou de jeito o coitado.

- Agora, eu vou comê-lo, foi dizendo. O pobre do caboré laçado ainda arriscou:

- Me coma, mas antes, passe onde tem aquele povo lavando roupa acolá.

Quando nós passar, eles vão dizer: "lá vai a raposa com um caboré na boca". Aí você responde:

- Não se importe! E foi assim: "Lá vai a raposa com um caboré!" A resposta se seguiu:

Não se importe! Quando ela abriu a bocona, o caboré escapuliu e se fez no mundo... De todo jeito, o caboré enganou a raposa...

Nilton Lins Bahia

103anos
A mais antiga
Instituição Cultural do Estado

1902 * 2005

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

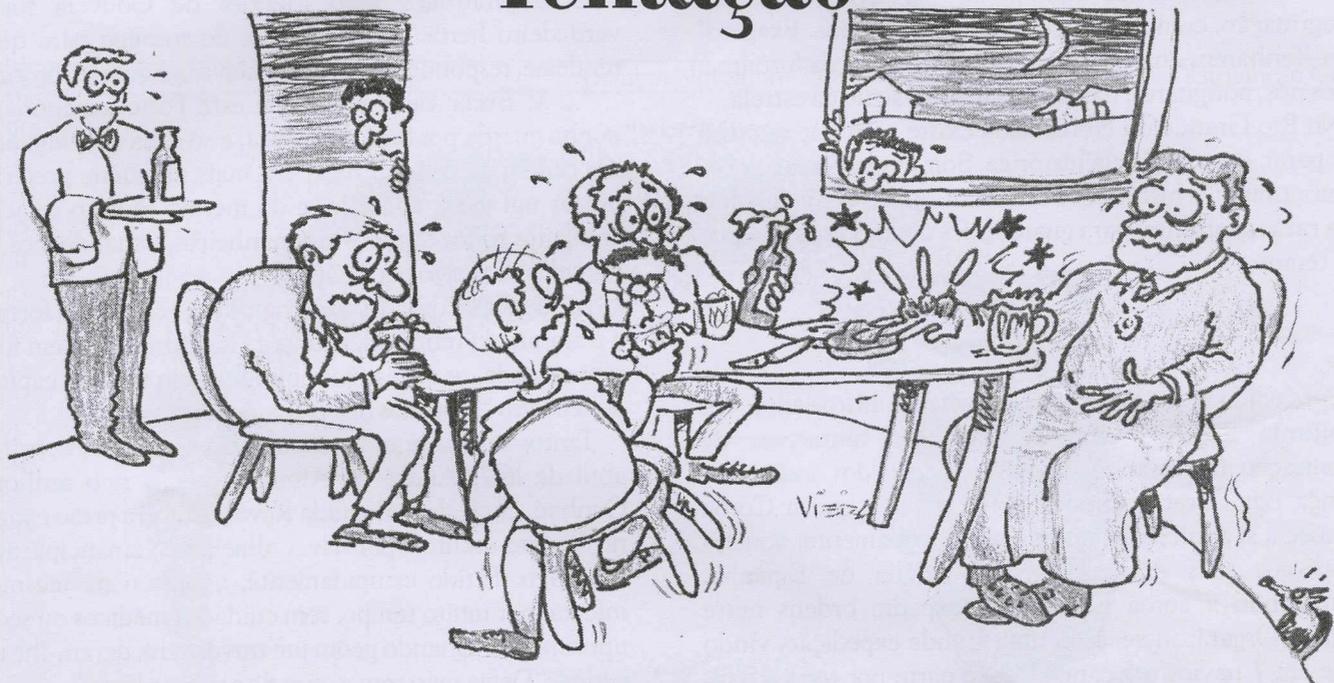
Cata Livros

DESDE 1970

Compra, venda e troca de livros, discos, Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco
Rua Voluntários da Pátria, 631 - Centro
Rual Gal. Osório (Ao Lado do Hotel S. Paulo) - Centro
Fones: (84) 8805-3928 / 9996-2920 / 9415-9924

Tentação



A pesar da noite, o calor se expandia por toda a cidade com todo o direito que tinha. Nem ventava. Uma só folha de mangueira na praça não se mexia e nas calçadas o povo derramava água salobra para umedecer o tempo, baixar, talvez, a temperatura.

E a luz pública, vinda do motor velho da Prefeitura, mais contribuía para aquela semi-escuridão. Mormaço total.

Dr. Juvêncio, o juiz, entrou no Bar de Mestre Antônio, acompanhado de Luiz Martinho, o Prefeito. Pediram uma cerveja, bem gelada.

Antes que a cerveja chegasse, chegou Aurélio, fazendeiro e político do município.

Pediram mais outra e tomaram os primeiros goles. O relógio bateu oito horas da noite.

Vinte minutos depois, passava

pelo bar o Padre Homero, que foi, imediatamente, convidado a tomar uma geladinha, para espairecer.

-Acho que não, Martinho. Acho que não.

-Por que?

-Por nada, não. Não estou bem disposto.

Dr. Juvêncio tomou a frente:

-Ora, ora, meu caro padre! Como se furtar a um instantinho de refrigério? Entre e sente-se. Nos dê o prazer. Tome uma cervejinha com a gente.

-Vocês sabem que é uma satisfação muito grande e não é, em absoluto, pecado mortal.

-Então? Abanque-se. Tome uma cervejinha conosco.

Padre Homero sentou-se. A noite continuou.

Pediram um prato de carne seca, assada na brasa, com bastante cebola

e farofa d'água. Com um pouco de alho.

Que logo trouxeram, como se já estivesse sendo preparada. Aurélio cortou-a em pedaços generosos, cada um tirando o seu, inicial, e avançaram na farofa, prosando, e saboreando a descontração.

Até que sobrou só um pedaço da carne no prato e ninguém se ariscou a tirá-lo. E naquele momento a luz faltou.

Escureceu tudo

Mal a escuridão se abateu, um grito de dor incomodou a todos e estremeceu o ambiente do bar. Graças a Deus a luz voltou logo.

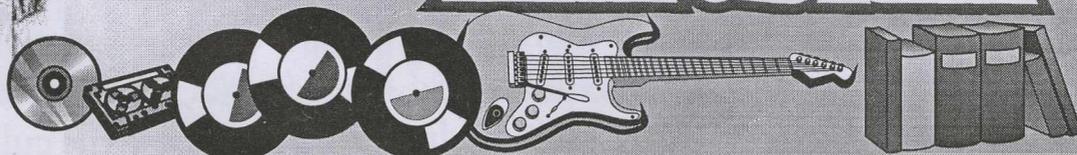
E no prato, a mão do padre Homero com o pedaço de carne, e três garfos mal espetados, nela.

Afranio Pires Lemos



- GALERIA DE ARTE
- Cd's
- LIVROS
- DISCOS
- INSTRUMENTOS MUSICAIS

SEBO SANTORUM



Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN - CEP 59085-120 - Fones: 3221.3717 - 9973.9423 - 3206.2790

SOB O SIGNO DA ESTRELA-GUIA

Manoel Onofre Jr.

Vista do alto, a fortaleza dos Reis Magos parece uma grande estrela de pedra. Inevitavelmente, sua imagem associa-se à estrela de Belém. Nada mais sugestivo para compor o emblema da cidade do Natal.

Dizer que esse monumento é relíquia preciosíssima seria abusar do lugar-comum. Mas, é o que é: relíquia.

Todo natalense deveria ir lá, periodicamente, em peregrinação, como os muçulmanos vão à Meca. Exagero? Não. Tenhamos em mente o caráter simbólico da fortaleza: todos nós, potiguares, nascemos ali, sob o signo da estrela.

No Rio Grande do Norte nada existe com que se possa comparar, em relevância histórica. Somos um Estado pobre de monumentos históricos e artísticos - esta a verdade. Mais uma razão, portanto, para guardarmos em redomas o pouco que temos...



Concedida a João de Barros - célebre historiador -, a Capitania do Rio Grande, todas as tentativas de colonização fracassaram devido a reação dos índios em aliança com piratas franceses. Foi preciso que a Coroa tomasse a si a iniciativa de integrar, efetivamente, aquelas terras aos seus domínios. Filipe II, rei de Espanha, acumulando a coroa portuguesa, expediu ordens neste sentido. Organizou-se, pois, uma grande expedição, vindo parte em 7 navios e 5 caravelões, e parte por terra - esta, aliás, sem atingir o destino, dizimada pela varíola. No dia 25 de dezembro de 1597, os navios adentravam a barra do Rio Grande (depois denominado Potengi). Mascarenhas Homem, Capitão-mor de Pernambuco, à frente de tudo, mandou construir sobre uns arrecifes, a setecentos e cinquenta metros da barra do rio, um forte, logo denominado "dos Reis Magos". Os trabalhos iniciaram-se no dia 6 de janeiro de 1598.

Jerônimo de Albuquerque, figura saliente na expedição, mameluco, conseguiu a paz com os índios, condição sine qua para a colonização.

Começava a história da fortaleza, na qual podemos distinguir quatro fases distintas: 1ª) da construção (a princípio em taipa, depois em pedra), de 1598 a 1630, "quando está concluída a nada falta" (Adriano Verdonck); 2ª) domínio holandês - dezembro de 1633 a fevereiro de 1654 (chamava-se, então, Kasteel Keulen, em homenagem a Matias van Keulen, um dos diretores da Companhia e participante da expedição conquistadora; 3ª) da reocupação portuguesa até a desmilitarização, em maio de 1907; 4ª) de 1907 aos dias de hoje, quando tornou-se monumento histórico e atração turística.



Em começos de dezembro de 1633, a fortaleza resistiu bravamente ao ataque dos holandeses. Oitenta homens cercados por oitocentos.

O Capitão-mor Pero Mendes de Gouveia foi um verdadeiro herói. Às exortações do inimigo para que se rendesse, respondeu com estas palavras dignas do bronze:

"... V. Excia. deve saber que este Forte foi confiado à minha guarda por S.M. Católica, e só a ela ou a alguém de sua ordem o posso entregar e a mais ninguém, preferindo perder mil vidas a fazê-lo, e do mesmo espírito se acham animados todos os meus companheiros, achando-nos bem providos de todo o necessário."

Ferido, desacordado, tomaram-lhe as chaves da fortaleza e trataram da rendição. Câmara Cascudo conta, em forma romanceada, os sugestivos episódios, em um dos capítulos do seu livro "Histórias que o Tempo Leva".

Tantos outros grandes momentos viveu o "Forte"! Em abril de 1817, André de Albuquerque, o rico senhor de Cunhaú, chefe da malograda Revolução, era preso e jogado no "quarto escuro", por haver almejado a emancipação do seu povo. Ferido estupidamente, agonizou na masmorra infecta, por muito tempo, sem cuidados médicos ou sequer um curativo. Quando pediu um travesseiro, deram-lhe uma pedra - "Devia ser o travesseiro do pedreiro livre."

Vida, paixão e morte de André de Albuquerque valem romance histórico da maior força dramática.



Não devemos encarar a importância do "Forte" apenas do ponto de vista da História norte-rio-grandense.

Sem o "Reis Magos" não teria sido possível a conquista do Norte - Ceará, Maranhão e Pará. Serviu de trampolim, tal como, séculos depois, a Base Aérea de Parnamirim, na Segunda Guerra Mundial.

Sobre o seu papel, por este prisma, diz Câmara Cascudo em sua "História do Rio Grande do Norte":

"Era também abrigo e alentadora inicial (...) De sua guarnição partiu Martim Soares Moreno, em 1611, para a conquista do Ceará, o fundador da Fortaleza. Derredor de suas muralhas passam, reunidos, os homens que vão dissipar a França Equinocial, na jornada milagrosa. O criador da Cidade do Presépio de Belém do Pará, Francisco Caldeira Castelo Branco, é um seu Capitão-Mor. Como de uma colmeia partem as abelhas-rainhas, fundadoras de raças."



O Governo do Estado do Rio Grande do Norte, através da Fundação José Augusto, encerrou o ano de 2005 com a programação das oficinas de flauta doce, coral de adulto e criança, artesanato, fuxico e confecção de máscaras nas casas de cultura de Macau, Campo Grande, Parelhas, Caicó e Currais Novos.

Na ocasião também foi concluído a oficina de teatro - leitura dramática - nas casas de cultura de Lages, Assu, Umarizal, Viçosa, Martins e Santa Cruz.